

## Missionários vão incluir voluntários em novo trabalho

Do enviado especial  
e do correspondente

Pela primeira vez, o Conselho Indigenista Missionário — Cimi — esquematizou um trabalho de ação conjunta com voluntários das comunidades em defesa dos índios guaranis do Brasil, para resolver seus maiores problemas: a grilagem de suas terras e as deficiências nas áreas de saúde e educação. Essa foi a principal conclusão do encontro regional promovido pelo Cimi, em Itanhaém, durante dois dias, encerrado ontem, que reuniu representantes dos Estados da região Sul do País e do Paraguai e da Argentina. Ao mesmo tempo, em Belém, foi encerrado o primeiro curso de indigenismo promovido pelo Cimi, com uma declaração dos participantes afirmando que "estão sendo dados passos para uma consulta, a nível nacional, visando clarear os direitos dos povos indígenas e incorporá-los ao instrumental de defesa jurídica dos índios".

O técnico do Cimi Wilmar d'Angelis explicou, em Itanhaém, que o problema da grilagem está tornando cada vez mais difícil a subsistência dos guaranis. Mas garantiu que antropólogos, padres, professores e voluntários tentarão resolver as dificuldades dos índios, trabalhando junto à Funai e aos governos estaduais.

E, segundo o técnico, duas iniciativas serão concretizadas sem consulta prévia a Funai. "Tentaremos organizar clubes junto às comunidades indígenas para resolver suas necessidades de assistência médica e educação. No ensino, a linha básica será valorizar a cultura indígena e tentar um curso bilíngue", explicou.

"Acho que a Funai não se incomodará com o nosso trabalho, pois, até agora, o órgão só iniciou um levantamento e, praticamente, não atuou na região em defesa dos guaranis, principalmente no Litoral paulista. O trabalho do Cimi não entrará em conflito com o da Funai e não vejo porque impedir ou dificultar nossos projetos, já que a atuação dos missionários junto

às tribos está garantido por lei", afirmou o técnico do Cimi Wilmar d'Angelis.

Segundo participantes do encontro, no Brasil existem 8.703 guaranis; no Paraguai, 10 mil; e na Argentina, 1.500. Como explicaram os técnicos, esses índios estão migrando do Paraguai e da Argentina em razão das grilagens.

Em Belém, no documento distribuído ao fim do curso, elaborado por todos os participantes, declara-se que a situação dos índios, tanto no passado como atualmente, tem sido trágica: "É uma história de saque moral e cultural". Os participantes do curso identificam vários "fatos dramáticos" que atingem os índios nas frentes pioneiras do Pará: "A Transamazônica retalhou o território dos Parakanás levando atrás de si a esteira de misérias, doenças e mortes. Os suruíis se vêem confinados em um território praticamente incultivável e ainda assim estão sendo acossados pelos fazendeiros.

Os índios tembés e urubus vêem suas terras serem invadidas por famílias de colonos. A BR-158 atravessará o parque indígena kayapó. A PA-279 cortará a área dos xikrins. Os araras ainda não 'atraídos' terão suas últimas terras ocupadas por colonos trazidos do Sul".

O documento diz que seria muito longa a lista de todos os atentados praticados contra os índios, mas assegura que seria impossível compreender o problema indígena "isolando-o do contexto social que o gerou e reproduz: os grandes proprietários vão expulsando da terra os posseiros e pequenos proprietários que, por sua vez, compelidos pela necessidade de sobreviver, apropriam-se das terras dos índios — elo final dessa cadeia de exploração".

Os participantes do curso declaram rejeitar assim, "como nociva aos interesses da população indígena, qualquer tentativa de solução que o separe da imensa legião dos marginalizados dos campos e das cidades que se batem, como os índios, pela terra e por melhores condições de vida e de trabalho".